

RUY FABIANO

Ponto de Vista - 9 JUN 1992

Raízes da crise

Pergunte-se a um economista a causa da inflação e, certamente, a resposta virá em forma de complexas teorias, que jamais coincidirão com a de outro economista, ainda que da mesma escola. Faça-se a um político a mesma pergunta e a resposta, na essência, será invariavelmente esta: inflação é fruto da falta de credibilidade da sociedade no governo e/ou nas instituições. Não havendo adesão aos programas econômicos, inútil conceber fórmulas engenhosas ou mesmo geniais para detê-la. Se a população não crê, nada feito. Mune-se de espírito sabotador e passa a buscar saídas econômicas por conta própria, que apenas ampliam o universo da economia informal.

Do ponto de vista prático, tem-se, de cara, sonegação fiscal e queda de arrecadação — e, com elas, a brutal queda de qualidade dos serviços públicos. Ou seja, exatamente o que ocorre hoje. Por isso, o deputado Ulysses Guimarães vive repetindo, do alto de sua experiência de matusalém do Congresso, que é inútil buscar saídas na economia, na administração ou seja lá onde for, sem antes consertar a política. A cura da inflação, da sonegação, dos desequilíbrios sociais e o que mais houver depende da regeneração das instituições políticas.

O governo Collor elegeu-se com discurso semelhante. Apontava na deterioração moral do governo Sarney a causa da bancarrota nacional. Os numerosos programas eleitorais gratuitos do então candidato do PRN dedicaram-se a difundir denúncias cabeludas contra aquela administração, não poupando sequer a figura do próprio Sarney. Foi, inclusive, o único dos programas de campanha em que Sarney requereu na Justiça — e obteve — direito de resposta e anunciou que iria processar seu detratador. Não o fez, é claro, mas

isso é um detalhe. Importa lembrar que o nível das acusações chegou àquele ponto.

A expectativa da opinião pública, com a posse do novo governo, era de mudança radical em métodos e personagens. Temia-se mesmo uma espécie de caça às bruxas, ensaiada igualmente — e nada mais que isso — quando da posse do governo Sarney. Mas, tal como antes — e tal como sempre —, ficou-se na coreografia. Ocorre que, como proclama a física, tudo no Universo está em movimento e em expansão. E isso se aplica também à crise e às suas causas. Trocando em miúdos, o ruim pode sempre piorar. E é o que acontece quando nada se faz por detê-lo. Ao invés de sanar a crise moral, onde apontava — e com acerto — a causa das mazelas econômicas do País, o governo Collor a expandiu. Por isso, está hoje sentado no banco dos réus, numa incômoda CPI que, ainda que juridicamente não produza resultados — e não é de sua alçada produzi-los —, tende a desgastá-lo ainda mais perante a sociedade.

Informa-se que o Governo fará mais uma tentativa de viabilizar, ainda neste semestre, parte de seu pacote de reformas no Congresso. Fundamentalmente, três medidas: o ajuste fiscal, a modernização dos portos e a lei de marcas e patentes. Se tornar a fracassar, baixará medidas provisórias. É fácil imaginar o impacto dessa atitude junto aos partidos, especialmente em ano eleitoral e tendo como pano de fundo uma CPI que examina acusações contra o Presidente.

A perspectiva é de agravamento das dificuldades presentes, que quase resultam na saída do ministro Jorge Bornhausen, coordenador político do Governo. Bornhausen é um homem acostumado a vitórias e não parece feliz nesse inesperado papel de gestor da crise política.